

CUIDADOS PALIATIVOS: PRÁTICA NECESSÁRIA PARA A VIDA!

“Morrer faz parte da vida”. Apesar de parecer óbvia essa afirmativa, existe uma tendência atual em nossa sociedade a não encarar a finitude da vida. Parte de justificativas se dá por uma crença na imortalidade que acompanha o avanço da tecnologia na medicina e uma cultura do imediato e descartável.

A expectativa de vida no Brasil e no mundo aumentou. O que era, no ano de 1940, 45,5 anos de idade, passou a 73,1 anos, segundo dados recentes do IBGE. Não existe mais dúvida de que vamos envelhecer. Diante disso, vem o questionamento: estou me preparando para essa realidade?

Como vivemos mais, naturalmente mais temos chances de desenvolver doenças crônicas como Doença de Alzheimer, Doença de Parkinson, Insuficiências Pulmonares, Cardíacas e Renais, além de muitos tipos de câncer. Condições clínicas que chegam a um determinado momento de falência da terapêutica específica. O foco do tratamento, portanto, deve mudar, pois a doença continua presente e, apesar de não poder ser curada, a pessoa está viva e precisa de cuidados.

Tomando, como exemplo, um câncer avançado, onde já existem metástases que não apresentam boa resposta à quimioterapia ou radioterapia. Muitas vezes é encarado como não havendo mais nada o que fazer, mas, apesar disso o paciente é internado em CTI e submetido a procedimentos dolorosos que possivelmente não trarão algum benefício, além de postergar o momento de sua morte. O fim será adiado para um ambiente frio, inóspito, repleto de ruídos sonoros e luminosos e sem a companhia de amigos ou familiares.

Dessa forma, o respeito pela autonomia do paciente fica bastante prejudicado, já que não se consegue discutir a melhor proposta do seu tratamento ou recusar certas ações que podem trazer mais desconforto do que sua própria doença. É importante para o indivíduo e seus próximos saberem que SEMPRE haverá o que ser feito! O que muda é o objetivo do tratamento! Quando a cura não é mais possível, deixamos de tratar a doença para INVESTIR na pessoa!

Essa pessoa tem uma história de vida e está repleta de necessidades e desejos. Uma pessoa que sofre na alma e é rica de sintomas desconfortáveis como dor, falta de ar, cansaço, enjôo e ansiedade. Existe um conjunto de fatores estressantes que levam a muitos pacientes pedirem que se dê logo um fim.

Reconhecer a morte como parte do enredo da vida e aceitar a doença, tratando de forma eficaz todos os sintomas desconfortáveis, são passos importantes para se viver intensamente até o último dia. Oferecer vida ao pouco tempo que resta será melhor do que mais tempo sem qualidade. Para isso, existem os Cuidados Paliativos.

Os Cuidados Paliativos utilizam um conjunto de intervenções que podem ou não dispor de medicamentos e contam com a participação de uma equipe multidisciplinar em grande sintonia. Entre eles estão o médico, o psicólogo, o enfermeiro, o fisioterapeuta, o

nutricionista, o fonoaudiólogo, o farmacêutico, os assistentes social e espiritual, além do terapeuta ocupacional.

O Brasil conta com uma associação profissional criada em 2005, chamada Academia Nacional de Cuidados Paliativos (ANCP), que procura coordenar os profissionais de saúde desta área, buscando uma integração e uma capacitação contínua. Estar ao lado do paciente até seu último instante, mostrando-se cúmplice desse desfecho é a principal estratégia dos Cuidados Paliativos. A família e amigos são outros que precisam de apoio e serão acolhidos, principalmente após a morte do ente querido, pois o luto também está no plano de abordagem.

O pavor da morte em nossa cultura se dá muitas vezes pelo medo do sofrimento e da solidão na fase final de vida. Sabendo que podemos mudar este cenário, será possível conduzir melhor o curso natural da nossa vida, buscando a cada momento um sentido e compartilhando com as pessoas ao nosso redor.

Dr. Filipe Gusman é médico especialista em Clínica Médica e Geriatria e professor dos cursos de Medicina e Enfermagem da Souza Marques-RJ e Medicina da UNIGRANRIO-RJ.



“The death of Mozart”, por Charles Edward Chambers (1883-1941), ilustra os últimos dias de vida de Mozart envolvido em suas composições.